

Do caos ao sonoro: o Movimento Mangubeat e a pesquisa jornalística na podosfera brasileira

From chaos to sound: the Mangubeat Movement and research journalism in the Brazilian podosphere

Daniel do Nascimento SANTOS¹

Universidade Federal de Ouro Preto | Brasil

Sheila Borges de OLIVEIRA²

Universidade Federal de Pernambuco | Brasil

Resumo

A proposta deste artigo é apresentar o Movimento Mangubeat, mostrando a sua relação intermediária com outras artes, por meio do estudo para a elaboração de um podcast narrativo e imersivo. Como aporte teórico, utilizamos os conceitos de rádio expandido (Kischinhevsky, 2016), podcast narrativo (Bonini, 2015; Viana, 2020; Chagas, 2021) e intermedialidade (Cluver, 2012; Rajewsky, 2012). Metodologicamente, realizamos pesquisa bibliográfica com a seleção de fontes jornalísticas (Kischinhevsky e Chagas, 2017), entrevistas (Capiolo, 2010) e análise de conteúdo (Bardin, 2008). Concluiu-se que esta investigação atingiu o seu objetivo ao apresentar o Mangubeat através de uma mídia acessível e democrática à sociedade.

Palavras-chave

Podcast Narrativo e Imersivo; Mídias Sonoras; Mangubeat; Fontes Jornalísticas; Pernambuco.

Abstract

The purpose of this article is to present the Mangubeat Movement, showing its intermedia relationship with other arts, through study for the creation of a narrative and immersive podcast. As a theoretical contribution, we use the concepts of expanded radio (Kischinhevsky, 2016), narrative podcast (Bonini, 2015; Viana, 2020; Chagas, 2021) and intermediality (Cluver, 2012; Rajewsky, 2012). Methodologically, we carried out bibliographical research with the selection of journalistic sources (Kischinhevsky and Chagas, 2017), interviews (Capiolo, 2010) and content analysis (Bardin, 2008). It was concluded that this investigation achieved its objective by presenting Mangubeat through accessible and democratic media to society.

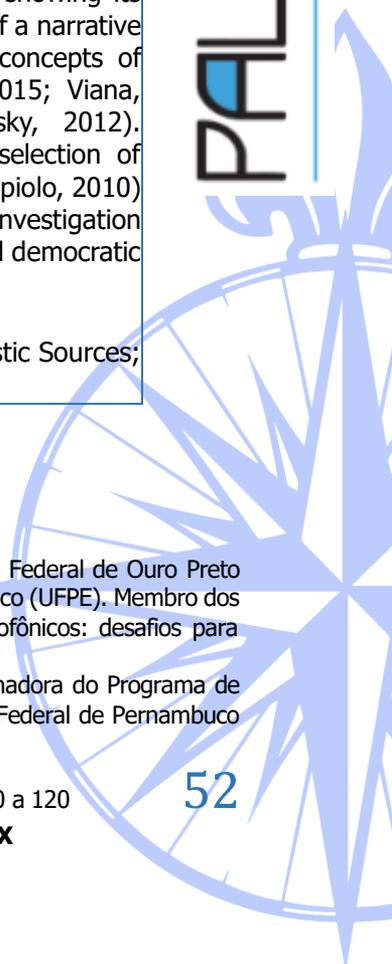
Keywords

Narrative and Immersive Podcast; Sound Media; Mangubeat; Journalistic Sources; Pernambuco.

RECEBIDO EM 09 DE JUNHO DE 2024
ACEITO EM 28 DE JULHO DE 2024

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Membro dos grupos de pesquisas Conjor e Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos: desafios para entender o campo. Email: daniel.ns@aluno.ufop.edu.br.

² Professora adjunta do Núcleo de Design e Comunicação (NDC) e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social (PósCom), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: sheila.boliveira@ufpe.br.



Introdução

O rádio faz parte do cotidiano da sociedade brasileira desde que chegou ao País no início do século XX. Os estudos sobre as mídias sonoras, que começaram em 1991, de acordo com Cunha (2021), mostram que o rádio passou a fazer parte de nossas vidas criando hábitos como o de sintonizar, com frequência, as emissoras preferidas para ouvir músicas ou se informar sobre as notícias. Apesar de ser um meio de comunicação que vem sofrendo diversas crises, desde que, na segunda metade do Século XX, a televisão foi introduzida no Brasil e, no início deste Século XXI, a internet se popularizou com o uso dos smartphones, o rádio permanece potente em meio às mudanças tecnológicas.

O rádio hertziano, porém, não é mais o mesmo (Ferraretto, 2009). Desde o processo de globalização do mundo e o desenvolvimento da rede mundial de computadores, este meio de comunicação permanece ultrapassando fronteiras, rompendo barreiras geográficas e levando entretenimento e informação para milhares de pessoas em pleno Século XXI, após mais de 100 anos de existência do rádio no Brasil. Foi a Rádio Clube, fundada em 1919 no Recife, que deu a largada inicial para o início da radiofonia no Brasil, segundo a Carta de Natal (2020).

As transformações tecnológicas, impulsionadas pelo avanço da globalização com o fim da Guerra Fria em 1987, permitiram que a internet se desenvolvesse, alcançando novos territórios e acarretando mudanças nas mídias. Segundo Prata (2008), a presença da web na sociedade brasileira provoca intensos debates e questionamentos sobre mudanças de padrões comunicacionais. "O advento da internet, porém, faz surgir uma nova forma de radiofonia" (Prata, 2008, p.50).

Daniel do Nascimento **SANTOS** · Sheila Borges de **OLIVEIRA**

Mas o que antes era apenas som, passa a ser também imagem, texto, vídeo e ilustração, por meio das transmissões on-lines. Lopez (2010), em sua pesquisa sobre rádio hipermidiático, considera que isso é normal, pois faz parte de um processo de revisão e reestruturação do rádio. Para Kischinhevsky (2016), a internet levou o rádio a se expandir, ultrapassando as fronteiras das tradicionais ondas hertzianas para ocupar os espaços criados pelas plataformas digitais.

A partir da década de 1990, as emissoras de rádio passaram a armazenar os programas em sites e blogs. Assim, para ouvir, era necessário que a audiência, a cada nova edição, acessasse o site no qual o conteúdo era hospedado para a escuta (Lopes, 2015). Dessa forma, aos poucos, foi se desenvolvendo, a mídia sonora, podcast, como nova experiência de produção, edição e consumo, que “pode ser definido brevemente como um arquivo de mídia, tradicionalmente um arquivo de formato de áudio, transmitido via podcasting” (Assis, 2014, p. 29). Segundo uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) em 2021, o Brasil tem 440 milhões de dispositivos digitais (computadores, notebooks, tablets e smartphones). Isso sinaliza que, cada vez mais, os cidadãos passam a ter acesso a ferramentas digitais, o que vai favorecer, apesar das dificuldades econômicas do País, a inclusão digital.

Diante dos estudos sobre rádio e podcasts no Brasil e da pesquisa sobre Mangubeat, apresentamos, aqui, um recorte da investigação maior, iniciada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e aprofundada no mestrado. Nesse contexto, a pergunta central desta investigação foi: como elaborar um podcast que possa apresentar as influências do Mangubeat na nossa cultura? Para respondê-la, foi realizado um estudo sobre o Movimento Mangubeat, surgido no início da década de 1990, no Recife, uma cidade geograficamente composta por rios, ilhas e penínsulas. Nela, o bioma mangue é predominante.

Manguebeat na cena cultural pernambucana

O Brasil, no início da década de 1990, tinha passado por um processo de redemocratização que aconteceu oficialmente em 1985, com a queda do regime militar. Naquela época, Recife, assim como muitas cidades do país, agonizava com diversos problemas sociais e, de acordo com uma matéria do jornal Washington Post, a capital pernambucana era considerada a quarta pior cidade do mundo para morar. Recife, uma das cidades mais prestigiadas no país nas primeiras décadas do século XX, já não possuía a mesma importância de antes. Em consequência disso, setores da classe média passaram a residir às margens do mangue. O bioma começou a abrigar os excluídos sociais, assim, a lama, o mangue e o caranguejo se tornaram símbolos imagéticos da pobreza do lugar durante décadas (Bessa, 2018, p.30).

Este cenário influenciou o surgimento do Movimento Manguebeat. Muitos acreditavam que o tropicalismo era o último movimento cultural de grande relevância no Brasil, mas o Manguebeat surpreendeu a todos na última década do Século XX (Teles, 2010, p.15). Apesar do mangue ser algo bastante comum na capital pernambucana, nunca tinha existido movimento artístico relacionado ao bioma. “O nome “mangue” era tão óbvio para um movimento artístico no Recife que até se estranha ninguém ter pensado nisso antes” (Teles, 2012, p. 258).

Diante desse contexto, surgiu o Movimento Manguebeat, originado das articulações de um grupo de jovens recifenses, liderado por Chico Science. Segundo Leão (2008, p. 102), “o manguebeat pode ser explicado como um “coletivo de ideias” de jovens que consumiam e produziam música e cultura pop juntos”. Uma proposta inovadora que dialogou com o povo por suas músicas e símbolos semióticos, estabelecendo um processo de identificação das pessoas com o grupo.

Daniel do Nascimento **SANTOS** - Sheila Borges de **OLIVEIRA**

Enquanto o Movimento Armorial, liderado pelo dramaturgo Ariano Suassuna, valorizava o erudito sob o contexto das culturas populares. O movimento Manguebeat, liderado pelo músico Chico Science, estava na contramão a essa vertente cultural. O sucesso dos mangueboys provocou uma tensão no campo cultural da época por divergir com as ideias do movimento armorial.

Já para Bessa (2018, p.66), "o Manguebeat foi o prenúncio de questões que hoje estão em pauta: arte e tecnologia, centro e periferia, pensar e produzir arte coletivamente. Sua dimensão alimentou discussões apaixonadas". Enquanto isso, Lira (2000) diz que o Movimento Manguebeat foi criado em uma época que já era desenvolvida outros sistemas artísticos, fundamentais para a consolidação de uma cena pop recifense elaborada pelos mangueboys.

Apesar de hoje em dia o movimento ser considerado umas das maiores manifestações culturais do Século XX, que impactou o cenário artístico de Pernambuco e do Brasil, na origem, como diz Calábria (2019, p.18), "de início a ideia de organizar um movimento nem sequer foi ventilada". O Manguebeat só foi legitimado como um movimento de contracultura com a publicação do "Manifesto Caranguejos com Cérebro" (1992), publicado no Jornal do Commercio, pelo músico Fred Zeroquatro.

Os jovens músicos da periferia recifense, que formavam a banda Chico Science & Nação Zumbi, aos poucos foram atingindo novos públicos com seus shows na cidade. A coletividade, a diversidade musical e a vontade de mudar o cenário caótico, no qual a cidade se encontrava, foram espalhados nas primeiras festas (Calábria, 2019, p.19). Porém, não foi só o fato de ser algo novo, que fez com que o movimento se tornasse um enorme sucesso em Pernambuco, no Brasil e, também, no mundo, existem diversos fatores para que ele fosse consolidado como um dos maiores movimentos culturais brasileiro do Século XX: "A maneira de se posicionar e de manifestar sua

Do caos ao sonoro: o Movimento Manguebeat e a pesquisa jornalística na podosfera brasileira

insatisfação com a situação cultural da cidade estimulou uma reflexão geral sobre o papel da cultura pós-moderna nessa cena” (Fonseca, 2006 p.14).

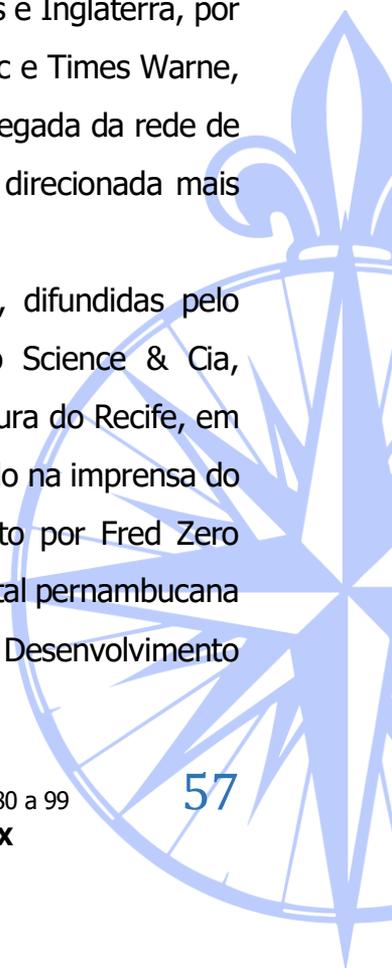
No entanto, além disso tudo citado acima, a imprensa local e nacional teve grande responsabilidade no impulsionamento do fenômeno cultural Manguebeat. Ao ganhar notoriedade na imprensa, o movimento acabou se tornando um produto da cultura de massa:

A partir do momento em que a música mangue ganhou visibilidade na mídia, foi incorporada pelo sistema de produção industrial de bens culturais e transformou-se em mercadoria, agregando valor de troca, o que permitia sua reprodução infinita para atender às necessidades do mercado (Fonseca, 2006, p.14).

O processo de globalização, expandido fortemente com a consolidação dos meios de comunicação de massa, permitiu que as pessoas consumissem cada vez mais produtos de outras culturas e não só exatamente daqueles territórios onde vivem. Segundo Ramos (2019, p.9), “a junção dos aspectos culturais de diferentes espaços geográficos constitui a formação de novas identidades e estéticas”.

Com isso, os jovens recifenses passaram a consumir produtos mais ligados a músicas, vindos principalmente dos Estados Unidos e Inglaterra, por meio de discos distribuídos por gravadoras como Sony Music e Times Warner, além de consumirem bastante música pop e rock, com a chegada da rede de televisão americana, MTV, ao país com uma programação direcionada mais especificamente para videoclipes.

Nesse cenário da capital pernambucana, as ideias, difundidas pelo manifesto “Caranguejo Com Cérebros” (1992), de Chico Science & Cia, perpetuaram-se por outras artes. Segundo dados da Prefeitura do Recife, em 1991, a cidade, um ano antes do manifesto ter sido divulgado na imprensa do Estado, registrava um IDH de 0,576. O documento, escrito por Fred Zero Quatro (1992), mostra um crescimento desordenado na capital pernambucana em um cenário que a cidade possuía baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH).



Daniel do Nascimento **SANTOS** · Sheila Borges de **OLIVEIRA**

A força do Movimento Mangubeat influenciou vários campos do mundo artístico e foi apropriado pelas diversas expressões midiáticas, que se expandiram em um contexto de convergência tecnológica (Jenkins, 2009). Por isso, o movimento também pode ser estudado por meio do conceito de intermedialidade. Para Rajewsky (2012), a intermedialidade nada mais é do que um termo genérico para definir os fenômenos que acontecem entre as mídias. Enquanto isso, Müller (1996, p.48) define: “intertextualidade parece-me estar ligado a uma vertente de pensamento, sobretudo francês, derivado da Linguística saussureana, onde o paradigma central é a relação de significação, e os termos essenciais são o signo, o discurso, o texto”.

No cinema, na música, no rádio, na televisão, nas artes plásticas, na dança ou em outras mídias, é possível notar a presença de diversas artes combinadas em suas produções culturais. Tal fenômeno, que é chamado de intermedialidade, ocorre em manifestações culturais em todo contexto histórico da humanidade, desde períodos pré-históricos (Clüver, 2012). E determinadas interações, onde é possível encontrar mais de uma arte em um mesmo produto, podem estabelecer uma relação de aproximação que favorece o conteúdo difundido em todas as esferas artísticas, o que podemos observar na influência do Mangubeat no cinema, na moda e nas artes plásticas por exemplo.

Podcast: do princípio à imersão

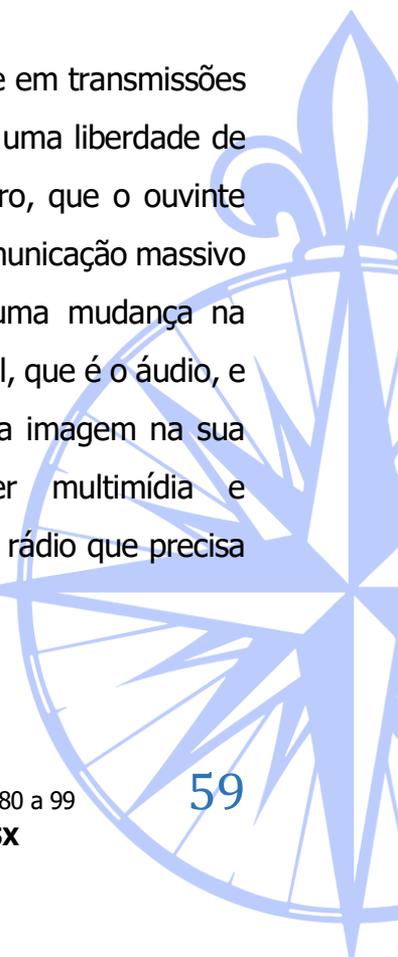
Em uma sociedade fortemente impactada pelas transformações digitais e sociais surge o rádio expandido, conceito trabalhado por Kischinhevsky (2016) para estudar o fenômeno do rádio que extrapola os limites das emissões tradicionais hertzianas para as mídias ancoradas na internet. Assim, o conteúdo radiofônico pode ser consumido também por meio das plataformas

Do caos ao sonoro: o Movimento Mangubeat e a pesquisa jornalística na podosfera brasileira

de áudio virtuais e digitais. O rádio expandido tem cinco características: a arquitetura de interação, a multimídia, a hipertextualidade, a personalização e a memória. Na arquitetura de interação, elementos permitem a interação dos ouvintes com a rádio, como caixa de mensagem, botão de curtir e compartilhar. Na multimídia, há inserção de elementos além dos sonoros, como vídeos, imagens, ilustrações, textos e ícones. Na hipertextualidade, é possível navegar para outras páginas e ambientes digitais por meio de links em textos ou de podcasts. Já na personalização, há a possibilidade de criação de uma grade por usuários sejam pessoais, institucionais das estações ou membros da emissora em páginas na internet. Na memória, o armazenamento, a recuperação de áudios e a estratégia de escutas são estratégias comerciais.

Com essa nova ferramenta de transmissão, o rádio expandido alterou também a forma como os ouvintes escutam as rádios. O armazenamento dos conteúdos da programação na rede mundial de computadores possibilitou a temporalidade. Agora, para poder ouvir determinados conteúdos da programação de uma emissora de rádio, não é necessário escutar na hora da transmissão ao vivo.

Por meio da hospedagem em plataformas de áudio e em transmissões de vídeo nas redes sociais, com o rádio expandido, ocorre uma liberdade de escolha temporal no processo de escuta do produto sonoro, que o ouvinte deseja ouvir. É com essa possibilidade que esse meio de comunicação massivo tem a possibilidade de não ser mais apenas som, há uma mudança na linguagem. O rádio sofre alterações em sua essência original, que é o áudio, e passa a ter, também, uma preocupação com a estética da imagem na sua programação. Como diz Lopez (2010, p.116), "ser multimídia e multiplataforma passa ser quase que uma exigência para o rádio que precisa pensar nas informações visuais sob uma nova perspectiva".



Daniel do Nascimento **SANTOS** - Sheila Borges de **OLIVEIRA**

Nesse rádio hipermediático, o jornalista precisa falar diversas linguagens em diferentes suportes e, ainda assim, manter o áudio como principal foco para utilizar a multimídia em um caráter complementar daquele já existente. Conforme o rádio se modifica, dialogando com novas ferramentas tecnológicas comunicacionais que vão surgindo frequentemente, também há uma mudança na forma de interação entre a audiência e a emissora. A maneira que os ouvintes interagem com os apresentadores passa a ser, na maioria das vezes, instantaneamente. O que ocorre no momento em que o programa acontece, através de comentários nas redes sociais e aplicativos de mensagens. Segundo Lopez & Marita (2019, p.227):

protagonismo da audiência em espaços digitais e na antena do rádio expandido permite ampliar o engajamento e a identificação da audiência com o conteúdo, já que passa a compartilhar o conteúdo construído e sente-se parte da emissora (Lopez & Marita, 2019, p,227).

Essa maneira de transmitir conteúdo por meio de mídia sonora passa a ser conhecida pelo nome de podcasting. Essa forma de transmitir dados foi chamada de podcasting (junção do prefixo "pod", oriundo de iPod, com o sufixo "casting", originado da expressão "broadcasting", transmissão pública e massiva de informações). O nome fora sugerido em fevereiro de 2004 por Ben Hammersley, no jornal The Guardian. (Lopes, 2015, p.15).

Segundo Kischinhevsky (2016), o podcast surgiu em 2004. Para Carvalho (2011), podcast é uma ferramenta de distribuição de áudio via internet, que pode ser também vídeos, texto e imagens. Enquanto muita gente acha que podcast é rádio, Medeiros (2006, p.6) afirmou na primeira década do século XXI: "o podcasting, ao contrário do que muitos pensam, não é uma transmissão de rádio (...) e, muito menos, um podcast não é um programa de rádio, no máximo, uma metáfora de um programa de rádio".

Essa nova forma de disseminação de conteúdo em áudio também impulsionou mudanças na forma de produção. Pessoas que não possuíam

Do caos ao sonoro: o Movimento Mangubeat e a pesquisa jornalística na podosfera brasileira

nenhuma ligação com o rádio em si passassem a produzir, criando seus próprios “programas de rádio”, o que permitiu o surgimento de um novo espaço de comunicação de massa no mundo e, também, no Brasil. Mas, nos anos iniciais de seu surgimento, segundo Chagas e Luana (2021), as produções eram muito amadoras:

Percebemos que os primeiros anos do podcasting no Brasil se caracterizam ou por serem produções amadoras de pessoas que investiam em interesses próprios como diversão para seus programas - professores, interessados em tecnologia - ou por serem considerados repositórios de emissoras radiofônicas, que disponibilizavam parte da programação sem que houvesse nenhuma adaptação ou complemento do material que foi primeiramente veiculado no dia (Chagas E Viana, 2021, p. 4).

Aos poucos, essa linguagem radiofônica foi se desenvolvendo e ganhando mais espaço, com novos produtores e assuntos dos mais variados temas em suas produções de podcasts. Em 2012, iniciou-se a segunda era de ouro dos podcastings (Bonini, 2015), menos amadora do que a primeira era. Os Estados Unidos foram considerados os precursores dessa nova fase.

No entanto, o cenário se altera em 2014, principalmente devido ao lançamento da série norte-americana Serial. É a partir desse podcast e do incontestável sucesso que fez, que as pesquisas acadêmicas ganham impulso e é partindo dele que, também, novas produções sonoras nascem na podosfera (Chagas & Viana, 2021, p.5). No Brasil, essa onda de produções sonoras acabou influenciando a podosfera. O lançamento da série de podcast “Projeto Humanos”, do curitibano Ivan Mizanzuk, é considerado o marco inicial da segunda era de podcasts no país (Viana, 2022). Essa nova mídia ganha cada vez mais popularidade no país.

Nos últimos anos, vários podcasts em estilo narrativo imersivo se destacaram na podosfera brasileira, como é o caso do podcast “Praia dos Ossos” da produtora carioca Radionovelo. Em 2020, cada episódio da série obteve mais de 1,2 milhão de downloads. O programa revisita o assassinato da atriz Ângela Diniz por seu então namorado, Doca Street, nos anos 1970.

Daniel do Nascimento **SANTOS** - Sheila Borges de **OLIVEIRA**

Em 2022, outro podcast em estilo narrativo teve repercussão semelhante, o da "Mulher da Casa Abandonada", produzido pelo jornalista paulistano Chico Felitti em parceria com A Folha de São Paulo. O podcast apresentou a vida de uma mulher misteriosa que mora em uma casa abandonada no bairro de Higienópolis, região nobre do Estado de São Paulo.

Apesar do podcast possuir raízes na linguagem radiofônica, observa-se que as emissoras de rádio, principalmente as comerciais, não exploram, de fato, as possibilidades de expandir seus conteúdos por meio de podcasts. Essa nova mídia permitiu que gêneros bastante populares na era de ouro do rádio voltassem, como é o caso da radionovela e do documentário.

A linguagem do podcast abre espaço para experimentação de diferentes formatos e gêneros de programas sonoros como, por exemplo, a produção de relatos da vida cotidiana e comentários sobre fatos sociais ou a dramatização (Murta, 2016, p. 10).

O que antes era "esquecido", agora, com o rádio expandido e com o crescimento do consumo dessa mídia citada, os conteúdos dos podcasts demonstram que, de fato, há independência na produção que não fica mais atrelada às tradicionais emissoras de rádio. O podcast, no entanto, tem uma linguagem que dialoga com as características dos gêneros do rádio hertziano.

Segundo Barbosa Filho (2003), o rádio tem como sustentação jornalismo impresso. O gênero jornalístico "é o instrumento que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação e do acompanhamento da análise dos fatos" (Barbosa Filho, 2003, p.89). No rádio, os gêneros jornalísticos se apresentam por meio de notas, notícias, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, documentário, rádio jornal, mesa-redonda ou debates, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica.

O podcast, elaborado como produto de divulgação científica dessa presente pesquisa, teve o documentário como o principal subgênero presente em sua linguagem de execução, além de outros subgêneros como o narrativo,

Do caos ao sonoro: o Movimento Mangubeat e a pesquisa jornalística na podosfera brasileira

o imersivo e o feature radiofônico. Tem, também, características que o inserem no subgênero técnico científico por divulgar para a sociedade uma pesquisa acadêmica iniciada em um projeto de pesquisa de iniciação científica. O podcast, como estratégia de produção sonora no atual cenário midiático, é parte do transbordamento das práticas radiofônicas para além da estrutura hertziana (Viana; Chagas, 2021, p. 2). Já para Kischinhevsky (2018), essa linguagem vai agregar elementos à produção tradicional do radiojornalismo:

Além dessas pontuações, o radiojornalismo narrativo em podcasts pode trazer uma construção narrativa dos fatos relatados, com rica descrição de ambientes e situações. O uso da primeira pessoa é recorrente pelos apresentadores, que não se furtam a verbalizar suas dúvidas, impressões e opiniões, embora sempre tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados ao jornalismo, como a busca pela verdade e pelo equilíbrio na representação de versões contraditórias dos fatos (Kischinhevsky, 2018, p. 79).

Inicialmente, os podcasts eram, na maioria, sequências de músicas da predileção do internauta ou monólogos que faziam as vezes de audioblogs. Mas, rapidamente, os programas/episódios passaram a se sofisticar, mesclando locuções, efeitos sonoros, trilha, emulando o que era veiculado em ondas hertzianas ou mesmo, ocasionalmente, introduzindo formatos inovadores.

Desse modo, segundo Bonini (2015), com a popularização dos smartphones, alinhado ao crescimento da internet banda larga, o surgimento das plataformas de áudio permitiu que novos formatos de podcasts aparecessem. Viana (2022, p. 3) complementa que “em outros casos, há uma potencialização de recursos que já eram experimentados pelos meios tradicionais, já que a narrativa imersiva não é uma estrutura recente”. Dentre eles, surgiu o podcast narrativo, que possui diversas características que se assemelham ao radiodocumentário tradicional, por inserir em sua narrativa trilhas sonoras, arquivos de áudios, reconstituição de cenas, sem limite de tempo, pesquisa com mais profundidades, por exemplo.

Daniel do Nascimento **SANTOS** - Sheila Borges de **OLIVEIRA**

Basicamente, o que diferencia o antigo radiodocumentário para o podcast no gênero jornalístico narrativo é a liberdade temporal que os produtores podem ter em suas criações, fazendo com que no produto final possam ser mostrados mais detalhes daquilo que é contado na produção. Percebe-se que ganha contornos um novo formato de radiojornalismo, tributário dos tradicionais radiodocumentários, mas caracterizado pela produção seriada, com ganchos que remetem à radiodramaturgia embora se apoiem fundamentalmente em conteúdo de caráter informativo (Kischinhevsky, 2016).

Segundo o mesmo autor, nesse tipo de podcast há uma construção dos fatos narrados por meio de rica descrição de ambientes e cenas. Partindo desse pressuposto teórico, este trabalho teve como objetivo apresentar o Movimento Mangubeat, por meio da elaboração de uma pesquisa de fontes jornalísticas que redundou em uma série de podcast narrativo e imersivo, com dois episódios apresentando as fontes que vivenciaram a cena mangu nos anos 1990, lugares e acontecimentos por meio do uso recursos de mídias sonoras e o uso do artifício da imersão, transportando o ouvinte para dentro do contexto histórico do movimento pesquisado por meio do uso de recursos de storytelling, que conduz a narrativa.

Houve revisitação de lugares que fizeram parte da vivência dos manguboys e mangu girls durante o apogeu do movimento na última década do Século XX, em Recife, tendo como o viajante na história o narrador, que, frequentemente, contou a história em primeira pessoa, pontuando suas impressões dos lugares no ano de 2022. Ao mesmo tempo, teletransportou-se para o passado para descrever fatos de extrema importância para o Mangubeat.

O primeiro episódio apresentou o Movimento Mangubeat desde o seu surgimento até a morte do seu principal criador, Chico Science. Já o segundo mostrou a relação desse movimento de contracultura com o cinema,

Do caos ao sonoro: o Movimento Manguebeat e a pesquisa jornalística na podosfera brasileira

contextualizando a produção cinematográfica em Pernambuco naquela época, como também na moda e o legado dele para a sociedade pernambucana. Sendo assim, a produção, a hospedagem e a veiculação dos resultados da pesquisa têm um caráter de grande alcance para a divulgação científica.

O percurso metodológico

Para realizar esta pesquisa, fizemos, inicialmente, uma revisão bibliográfica, buscando todas as fontes de pesquisa que nos apoiassem no sentido de entender como surgiu o Movimento Manguebeat e como ele influenciou as manifestações artísticas na música, no cinema e na moda, temas dos episódios do podcast O Caranguejo. Além de compreender o fenômeno do Manguebeat, a revisão bibliográfica possibilitou o aprofundamento de nossos referenciais teóricos, como os conceitos de intermedialidade, rádio expandido, gêneros do rádio e formatos de podcast.

Já para as fontes selecionadas para a produção, utilizamos como critério o conceito de seleção das fontes no radiojornalismo, de Kischinhevsky e Chagas (2017, p. 117).

Testemunhais – Personagens que presenciaram acontecimentos com valor-notícia atribuído por jornalistas e radialistas. Especialistas – Profissionais com reconhecido saber técnico ou científico sobre determinado campo em torno do qual se desenvolve uma cobertura jornalística; Notáveis – Celebidades, artistas, esportistas, comunicadores, pessoas que desempenham ou desempenharam atividades de grande reconhecimento social, sobre as quais se atribuem variáveis valores-notícia (Kischinhevsky e Chagas 2017, p. 117).

Com a pretensão de obter mais informações sobre relações intermediárias entre o Manguebeat e as artes, realizamos o próximo passo, as entrevistas em profundidade. As entrevistas foram realizadas no modelo aberto. Nele, “os entrevistadores sugerem temas sobre os quais a fonte fala

Daniel do Nascimento **SANTOS** · Sheila Borges de **OLIVEIRA**

com poucas interrupções, apenas aquelas necessárias para tornar o diálogo não apenas agradável, mas também produtivo” (Campiolo, 2010, p. 11).

Após a realização das entrevistas, foi realizada a análise de conteúdo para estudar tudo o que foi dito pelas fontes, principalmente as informações mais relevantes para pesquisa, com o intuito de construir a produção dos episódios de podcasts. Para a análise de conteúdo, utilizamos a definição de Bardin: “a técnica consiste em classificar os diferentes elementos nas diversas gavetas segundo critérios susceptíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir numa certa ordem na confusão inicial” (Bardin, 2008, p. 37).

Já para a produção do produto em si, os dois episódios do podcast “O Caranguejo” tiveram como base as etapas de produção definidas por Prado (2006) e Kaplun (2017). Na produção executiva, trabalhamos a ideia inicial. Na pré-produção, realizamos todos os passos para a produção de nosso conteúdo, como o levantamento das fontes e as marcações das entrevistas. Já na produção em andamento, deliberamos a construção do produto com entrevistas, gravações e processo de escrita de roteiro e scripts. Na pós-produção, foram ancorados os episódios nas plataformas de streaming, além de divulgação nas redes sociais.

Durante o período de definição da proposta na produção executiva, foi decidida a temática do produto, a partir de pesquisa realizada anteriormente na pesquisa de iniciação científica, durante dois anos. Nele, foi feito um levantamento sobre a produção de materiais existentes da temática estudada e a definição do formato a ser trabalhado.

Na fase de pré-produção, foram redigidos o roteiro e o script dos episódios. Também marcamos as entrevistas com as fontes, realizadas remotamente. Após esse processo, já partimos, ainda nessa fase, para a decupagem das sonoras, que foi de extrema importância para os episódios. Nessa etapa, captamos as paisagens sonoras para ambientação imersiva da

Do caos ao sonoro: o Movimento Manguebeat e a pesquisa jornalística na podosfera brasileira

narrativa, selecionando os trechos em áudio de apresentações de Chico Science & Nação Zumbi na TV, documentários, filmes e telejornais.

Enquanto isso, na produção em andamento, gravamos as falas que estavam no script. Nessa etapa também houve a distribuição dos arquivos para a edição e finalização dos episódios com os ajustes solicitados. Na pós-produção dessa série de podcast, fizemos a hospedagem dos episódios nas plataformas de streaming de áudio. Além disso, divulgamos nas redes sociais, como Instagram e Twitter, assim como no aplicativo de mensagens WhatsApp. Em todas essas redes, interagimos com o público sobre o material produzido.

Considerações finais

O Movimento Manguebeat, mesmo após mais de trinta anos de seu surgimento, permanece vivo na cultura pernambucana e brasileira por meio de memórias coletivas, muitas vezes formadas pelos produtos midiáticos existentes. A presente pesquisa, iniciada em 2020, com o intuito de analisar a intermedialidade entre a cena mangue e a produção cinematográfica em Pernambuco, por meio da filmografia de diretores que são do Estado citado, proporcionou a criação deste podcast O Caranguejo, que respondeu à pergunta da pesquisa: como elaborar um podcast que possa apresentar as influências do Manguebeat na nossa cultura?

Em um primeiro momento, para responder esse questionamento, foi necessário a leitura bibliográfica sobre assuntos que são de interesse desta presente pesquisa, o que contribuiu para um enriquecimento maior sobre o tema. A partir das inquietudes surgidas, foram iniciadas as entrevistas remotamente via aplicativo de mensagens, como o WhatsApp, com pessoas que fazem parte do Movimento Manguebeat e ajudaram a construir e, de alguma forma, a criar essa cena mangue, além de pesquisadores especialistas

Daniel do Nascimento **SANTOS** - Sheila Borges de **OLIVEIRA**

no assunto. A escolha por entrevistas via internet ocorreu em virtude da dificuldade de entrevistas presenciais devido ao distanciamento físico e geográfico, uma vez que parte dos entrevistados não estavam em Pernambuco e, também, em função da pandemia da Covid-19, iniciada em março de 2020, que fez com que as atividades da universidade fossem realizadas de forma remota até junho de 2022 para evitar a contaminação das pessoas pelo novo coronavírus.

Para construir o roteiro e os scripts dos episódios houve a necessidade de viajar para Recife para captar paisagens sonoras e imagens de lugares que fazem parte da história do Movimento Manguebeat, passando por bairros da região central da capital pernambucana, como Centro e Santo Antônio. Nessa ocasião, também foram gravadas algumas falas de locução, captadas diretamente de locais específicos relacionados ao movimento e que, posteriormente, foram transcritas para os scripts dos episódios.

O processo de escrita do script do primeiro episódio seguiu uma linha do tempo relacionada com o início do Manguebeat até a morte do seu principal criador, Chico Science. Já o segundo teve como intenção mostrar as interfaces do Manguebeat com o cinema e a moda, assim como, também, o seu legado para a sociedade pernambucana e brasileira. Além das paisagens sonoras recentes de ambientação da cena mangue, os episódios trazem trechos sonoros da plataforma de vídeo Youtube, diante do vasto acervo nessa mídia sobre essa manifestação cultural.

Dessa forma, observa-se que se cumpriu a intenção da investigação acadêmica, a de se mostrar, por meio da mídia sonora podcast, o Movimento Manguebeat com recursos de áudio para enaltecer a sua relação com outras manifestações artísticas, que vão para além da música. Para isso se tornar acessível, o podcast O Caranguejo foi veiculado em plataformas de ancoragens de podcasts e divulgado nas redes sociais digitais e mídias independentes. Além disso, é importante destacar que essa pesquisa, descrita aqui, soma-se

Do caos ao sonoro: o Movimento Manguebeat e a pesquisa jornalística na podosfera brasileira

a outras centenas de homenagens aos trinta anos de criação do movimento, que contribuem para preservar a memória deste movimento de contracultura tão rico, despertando nas pessoas da época em que surgiu o desejo de propagar ideias sobre a realidade política daquele momento por meio das artes.

Referências

ASSIS, Pablo de. **O feed e a fidelização do podouvinte**. In: LUIZ, Lucio (Org.). Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu, Marsupial Editora, 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA. **Pesquisadores da Alcar referendam 1919 como início da radiodifusão no Brasil: Rádio Club de Pernambuco é considerada a pioneira**. Alcar. Disponível em: <https://plone.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar/jornal-alcar-no-73-julho-2020/editorial>. Acesso em: 07 dez. 2022.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.)**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BONINI, T. **The «Second Age» of Podcasting: reframing Podcasting as a New Digital Mass Medium**. Quaderns del CAC, 41(18), 2015.

CAMPIOLO, Francinelli Cristina. **Perfil jornalístico e o resgate das singularidades: um olhar às pessoas comuns**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1166-1.pdf>>. Acesso em: 27 de mar. de 2023.

CALÁBRIA, L. **Chico Science & Nação Zumbi – Da lama ao caos (O livro do disco)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Cabogó, 2019.

CARVALHO, Paula Marques de. **Podcast: Novas possibilidades sonoras na Internet**. Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Católica de Pernambuco, 2 a 6 de setembro de 2011.

Daniel do Nascimento **SANTOS** - Sheila Borges de **OLIVEIRA**

CUNHA, Mágda. **Os estudos de rádio e a relação com o ecossistema de mídia: história, consolidação e expansão**. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p.30-46, maio/ago. 2021.

CHAGAS, Luãn José Vaz; VIANA, Luana. **Categorização de Podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico**. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Sonora, integrante de XIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2021.

CLÜVER, C. **Intermedialidade**. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, p. 8-23, 16 jan. 2012.

FERRARETTO, Luiz. **Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21**. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. 30º Congresso Brasileiro de Comunicação. Santos, 1º set. 2007.

FONSECA, Nara Aragão. **Da lama ao cinema: interfaces entre o cinema e a cena mangue em Pernambuco**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KAPLÚN, Mario. **Produção de programas de rádio: do roteiro à direção**. Tradução Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti. Florianópolis: Insular, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1. 152p. 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo**. Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación, Santiago de Compostela, v. 5, n 10, p. 74-81, 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; CHAGAS, Luãn. **Diversidade não é igual a pluralidade - Proposta de categorização das fontes no radiojornalismo**. Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, v. 1, n. 36, , dez. 2017.

LEÃO, Ana Carolina Carneiro. **A nova velha cena: a ascensão da vanguarda Mangue Beat no campo da cultura recifense**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

Do caos ao sonoro: o Movimento Mangubeat e a pesquisa jornalística na podosfera brasileira

LOPES, Leo. **Podcast: o guia básico**. Rio de Janeiro: Marsupial Editora Ltda, 2015.

LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: UBI/LabCom Books, 2010.

LOPEZ, D; MARITA, Mateus. **Participação da audiência no rádio expandido: reestruturação dos processos ou apropriação instrumental de ferramentas?** Razon y Palabra, Pontificia Universidad Católica del Ecuador. Equador, 2019.

MEDEIROS, Macello Santos de. **Podcasting: Um Antípoda Radiofônico**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.

MÜLLER, J. E. **Intermedialidade revisitada: algumas reflexões sobre os princípios básicos desse conceito**. Tradução de Anna Stegh Camati e Brunilda Reichmann. In : DINIZ e VIEIRA (org.). *Intermedialidade e Estudos Interartes: Desafios da Arte Contemporânea 2*, Belo Horizonte, Rona Editora: FALE/UFMG, 2012.

MURTA, Cintia Maria Gomes. **Podcast: conversação em rede**. Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, 4 a 7 de setembro de 2016.

PRADO, Magaly. **Produção de rádio: um manual prático**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RAJEWSKY, Irina. **"A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade"**. In: DINIZ, T.F.N.; VIEIRA, A.S. (orgs.). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea 2*. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, p. 51-74, 2012.

RETROSPECTIVA 2021: **Brasil tem dois dispositivos digitais por habitante, revela pesquisa da FGV**. Tecnoblog, 2021. Disponível em: Retrospectiva 2021: 147 Brasil tem dois dispositivos digitais por habitante, revela pesquisa da FGV | Portal FGV. 17 de outubro de 2022.

SANTOS, D. N.; NOGUEIRA, A. M. C. **"Chico me empresta a tua ciência: a intermedialidade no filme Febre do Rato de Cláudio Assis**. Trabalho

Daniel do Nascimento **SANTOS** - Sheila Borges de **OLIVEIRA**

apresentado no IJ04 - Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, de 01 a 10 de dezembro de 2020.

TELES, J. **Da Lama ao Caos: quem som é esse que vem de Pernambuco? (Coleção Discos da música brasileira)**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

VIANA, S. Luana. **Jornalismo narrativo em podcasting : Imersividade, dramaturgia e narrativa autoral**. Luana Viana e Silva. -- 2022. 282 p. : il.

ZEROQUATRO, Fred. **Primeiro Manifesto Mangue – Caranguejos com Cérebro (1992)**. Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos_manifesto1.html . Acesso em 27 out. 2020.

